

CARACTERIZAÇÃO DO TURISMO COMUNITÁRIO: A EXPERIÊNCIA DO PROJETO SAÚDE E ALEGRIA EM SANTARÉM/PA.

Ricardo Regis Bentes - rick.rbid@gmail.com
Ana Flávia Guimarães Carneiro - flavia.gmrs11@gmail.com
Nayara Ferreira Cunha - nayferreiracunha@gmail.com
Wandicleia Lopes de Sousa - wandicleia@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo tem o propósito de analisar a Teoria Schumpeteriana com base nas abordagens de desenvolvimento e inovação, fazendo uma conexão com a Economia Criativa, abordando essas perspectivas em um estudo de caso voltado para a caracterização do Turismo Comunitário tendo como experiência o Projeto Saúde e Alegria (PSA) em Santarém/PA. Os procedimentos metodológicos deste trabalho fundamentaram-se em um estudo bibliográfico e de campo, onde realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre autores que discutem as inovações da Teoria Schumpeteriana e uma pesquisa de campo realizada no Projeto Saúde e Alegria, com o intuito de coletar dados sobre as suas ações. O turismo de base comunitária surge como uma alternativa economicamente viável para que se vislumbre de uma melhor qualidade de vida da população, garantindo desenvolvimento local. Portanto, busca-se enfatizar a contribuição do turismo comunitário no desenvolvimento de comunidades locais, através das ações promovidas pelo PSA em parceria com a Cooperativa Turismo e Artesanato da Floresta (TURIARTE). Além disso, ressalta-se que a sociedade externa ainda tem uma visão da região Amazônia distante do real, mesmo que voltado para a importante potencialidade da sua biodiversidade, é necessário ter uma visão mais centrada no que diz respeito a disponibilidade de políticas que tragam progresso social e econômico para a região, sem agressão cultural e natural das regiões.

Palavras-Chave: Desenvolvimento, Inovação, Turismo Comunitário, Projeto Saúde e Alegria.

CHARACTERIZATION OF COMMUNITY TOURISM: THE EXPERIENCE OF NGO PROJETO SAÚDE E ALEGRIA IN SANTARÉM / PA

ABSTRACT

This article aims to analyze the Schumpeterian Theory based on the approaches of development and innovation, making a connection with the Creative Economy, approaching these perspectives in a case study aimed at the characterization of Community Tourism, having as experience the Projeto Saúde e Alegria (PSA) in Santarém/PA. The methodological procedures of this work were based on a bibliographical and field study, where a bibliographical research was carried out on authors who discuss the innovations of the Schumpeterian Theory and a field research carried out in the Health and Joy Project, in order to collect data about their actions. Community-based tourism emerges as an economically viable alternative to catch a glimpse of a better quality of life for the population, ensuring local development. Therefore, it is sought to emphasize the contribution of community tourism in the development of local communities through the actions promoted by the PSA in partnership with the Cooperativa Turismo e Artesanato da Floresta (TURIARTE). In addition, it should be noted that the external society still has a vision of the Amazon region that is far from the real, even if it is focused on the important potential of its biodiversity, it is necessary to have a more focused vision regarding the availability of policies that bring progress social and economic development for the region, without the cultural and natural aggression of the regions.

Keywords: Desenvolvimento, Inovação, Turismo Comunitário, Projeto Saúde e Alegria.

1 INTRODUÇÃO

O artigo é fruto de ações executadas na disciplina História do Pensamento Econômico, sendo ministrada no sétimo semestre do curso de Ciências Econômicas, turma CE2016, onde foi exposta a Teoria Schumpeteriana e seus questionamentos. Nesta perspectiva, este trabalho traz a Teoria de Schumpeter e algumas de suas abordagens voltadas para o desenvolvimento e inovação, e dialoga com a Economia Criativa, expondo essas perspectivas em um estudo de caso voltado para a caracterização do Turismo Comunitário tendo como experiência o Projeto Saúde e Alegria em Santarém/PA.

Portanto, o objetivo deste artigo é descrever a teoria e prática da Teoria Shumpeteriana, relacionando com a Economia Criativa em um estudo de caso do turismo de base comunitária desenvolvido pelo Projeto Saúde e Alegria, sendo assim uma forma inovadora de promover o desenvolvimento apresentado por Joseph Alois Schumpeter. Para tanto, foi realizado um estudo de como essas mudanças (novas combinações) afetam o turismo de base comunitária desenvolvido pelo Projeto Saúde e Alegria nas comunidades ribeirinhas no município de Santarém/PA, mas especificamente Anã e Atodí.

O trabalho está estruturado em cinco seções. Na primeira seção, apresenta-se uma breve introdução do que será apresentado no decorrer do artigo com relação a teoria de Joseph Alois Schumpeter sobre desenvolvimento e a implementação do Turismo de Base Comunitária para fins de desenvolvimento local. Na segunda seção é discutido todo o arcabouço teórico da Teoria Schumpeteriana, conceituando inovação e desenvolvimento em prol de mudanças, e como o empresário surge em meio a todas essas fundamentações. A Economia Criativa adentra a esse meio como um mecanismo necessário para que haja evolução, e por consequência, desenvolvimento.

Em seguida, faz-se um aprofundamento teórico voltada para o Turismo de Base Comunitária na Amazônia, atividade esta que vem tornando-se de suma importância para o desenvolvimento de pequenas regiões locais, dessa forma, apresenta-se a visão de alguns autores acerca dessa atividade e sua implicação na vida da população.

Na terceira seção é abordado a metodologia utilizada para a produção desta pesquisa, bem como, todo um detalhamento do que foi realizado para a coleta das informações a serem analisadas na pesquisa.

Na quarta seção, é exposto o resultado do levantamento histórico do projeto Saúde e Alegria e da Cooperativa Turismo e Artesanato da Floresta (Turiarte), bem como, a caracterização das suas ações nas comunidades de Anã e Atodí, para o desenvolvimento do turismo comunitário dentro de comunidades tradicionais. As considerações finais, enfatiza-se o papel das inovações, ainda que sem uso de tecnologia, e do papel do Projeto Saúde e Alegria(PSA) para a contribuição de políticas que proporcionem o desenvolvimento local e oportunidades sustentáveis de geração de renda. Além disso, traga uma maior valorização do patrimônio natural e cultural da sociedade para com regiões locais e comunidades ribeirinhas tradicionais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A Teoria Schumpeteriana e a Economia Criativa

Joseph Alois Schumpeter (1883-1950) dentre os economistas austríacos é um dos mais brilhantes e relevantes autores, no que tange o segmento da teoria do desenvolvimento capitalista, no qual introduziu em seus estudos a importância das inovações tecnológicas para a economia capitalista (ARAÚJO, 2012, p. 31).

A teoria do ciclo econômico de Schumpeter origina-se do desenvolvimento econômico que é resultado do rompimento do estado estático, denominado por ele de "fluxo circular" (ARAÚJO, 2012, p.23), estado esse que "não há atividade econômica significativa, pois o sistema está "condicionado pelas circunstâncias dadas". Sobre esse desenvolvimento, Haddad (2010, p. 23) afirma que "[...] são mudanças na vida econômica que não são impostas de fora, mas que surgiram, através da iniciativa de algum agente econômico, é, portanto, um processo endógeno."

O desenvolvimento econômico, abordado por Schumpeter possui dois elementos que o tornam possível: a inovação tecnológica e o empresário, esse último possui a função principal de realizar novas combinações, ou seja, interromper a rotina estática do fluxo circular. O agente (empresário) é elemento central, sendo ele o responsável por promover o fenômeno do desenvolvimento (HADDAD, 2010). O empreendedor Schumpeteriano é aquele que se diferencia do administrador, realizando inovações, seja de produtos ou processos, e, portanto, rompe o fluxo circular (ARAÚJO, 2012). É de extrema importância ressaltar que esse empresário inovador não é

obrigatoriamente o dono do capital; capital esse que servirá para desenvolver a inovação tecnológica. Quem assumirá os riscos de investir em tecnologias será o capitalista e não o empresário construtor da inovação (HADDAD, 2010, p. 27).

Conforme Araújo (2012, p. 44): esse empresário:

[...] é o agente característico responsável pela produção da inovação e inserção dela no mercado, geralmente, o portador da ‘função empresarial’ está presente em meio ao corpo técnico e administrativo da empresa, ele não necessariamente precisa ser o dono da empresa ou gerente, uma vez que, na verdade, não é o empresário que realiza as novas combinações, mas sim “é a realização de combinações novas que constitui o empresário”.

O desenvolvimento, nada mais é senão um mecanismo de busca por mudanças (SANTANA, 2017, p.14); mudanças essas que não podem ser entendidas pela teoria Schumpeteriana do fluxo circular, mesmo que sejam puramente econômicas (SCHUMPETER, 1997, p. 73).

Para a teoria Schumpeteriana:

[...] a inovação não só é essencial ao desenvolvimento, mas igualmente importante para levar à mudança do paradigma sócio-cultural e à alteração do padrão de acumulação capitalista. Foi com o início dos estudos de Schumpeter que o conhecimento e a inovação passaram a ser vistos como importantes forças na aquisição de vantagens competitivas na economia brasileira (HADDAD, 2010, p. 10).

Na concepção de Araújo (2012, p. 42) “A inovação é [...] o fenômeno fundamental da vida econômica capitalista, que produz o desenvolvimento, o progresso e evolução econômica”. Nota-se que a ideia de inovação está sempre ligada a mudanças – a novas combinações – de fatores que rompem com o equilíbrio existente (LOPES; BARBOSA, 2008, p.3). Assim, à primeira vista, a construção conceitual sobre inovação deve ser feita de forma mais abrangente, de forma a situar o leitor em termos das noções fundamentais (LOPES; BARBOSA, 2008, p.3).

Haddad (2010, p. 23) “estabelece que as inovações se originam na produção, em que é necessário combinar matéria-prima e processo produtivo para causar, ao final, algo que satisfaça a necessidade da sociedade”. A teoria Schumpeteriana coloca que uma das características principais do processo produtivo é a combinação de forças produtivas materiais (fatores originais da produção e de onde procedem todos os bens: a terra e o trabalho) e de forças produtivas imateriais (fatos técnicos ou de organização social ou meio ambiente sócio cultural) (ARAÚJO, 2012, p. 24).

Para Schumpeter a inovação tecnológica era a grande força promotora do desenvolvimento econômico, pois uma tecnologia anteriormente considerada moderna, tornava-se ultrapassada e obsoleta, sendo substituída por uma outra inovadora, a qual produzia bens

mais atrativos aos consumidores e com menos custos as empresas, proporcionando-lhe ganhos de produtividade maiores que poderiam vir a serem reaplicados no sistema econômico vigente (HADDAD, 2010, p. 23).

As consequências de uma inovação podem demorar a aparecer em um ciclo econômico, no entanto, essas mudanças influenciam a dinâmica estabelecida provocando, alterações a longo prazo. “Embora um tempo considerável seja comumente necessário para que os efeitos da inovação tecnológica possam ser sentidos, tais efeitos são profundos” (SANTANA, 2017, p. 15).

Na compreensão de Lopes, Barbosa (2008, p.3) “preliminarmente, a inovação pode ser entendida sob os seguintes pontos de vista: da **estratégia**, de **padrões**, do **processo** de (gestão da inovação da) inovação e dos seus **tipos**”. Quando se fala em **estratégia**, a inovação volta-se à obtenção de vantagens competitivas sustentáveis, ao posicionamento competitivo, aos conceitos de competência central, à capacidade de inovação e à aprendizagem organizacional. “Pode-se dizer que, quando se fala de estratégia, a inovação surge como um elemento fundamental da ação e diferenciação das empresas” (LOPES; BARBOSA, 2008, p. 3).

Outra perspectiva comum sobre inovação diz respeito ao **padrão** ou grau de novidade. Freeman e Perez (1998) destacam a inovação incremental, inovação radical, novos sistemas tecnológicos e mudanças de paradigmas tecnológicos e econômicos (LOPES; BARBOSA, 2008, p. 3). Com relação à visão da inovação como um **processo**, a literatura chama a atenção para a forma como as organizações inovam. O processo de inovação poder ser definido como aquele que “envolve a criação, o desenvolvimento, o uso e a difusão de um novo produto ou idéia” (LOPES; BARBOSA, 2008, p. 3).

Seguindo essa mesma linha de pensamento, é possível concluir que:

[...] o processo de inovação contempla: identificação das necessidades dos consumidores; formulação de estratégia de referência para a inovação; desenvolvimento ou aquisição de soluções; prototipação; testes; produção e disponibilização de produtos e serviços novos ou melhorados. Um ponto importante que esses autores destacam é o fato de que o próprio consumidor desses produtos e serviços gera novas informações e realimenta todo o processo (LOPES; BARBOSA, 2008, p. 3).

Na visão de Lopes e Barbosa (2008, p. 3) “[...] fica claro que o processo de inovação não compreende somente as atividades criativas e inventivas ou de descoberta de novas tecnologias, mas também as atividades de gestão, de difusão e adoção das novidades.”

Sobre as “novas combinações”, Schumpeter (1997, p. 76) categoriza em cinco partes, são elas:

1) Introdução de um *novo bem* — ou seja, um bem com que os consumidores ainda não estiverem familiarizados — ou de uma nova qualidade de um bem. 2) Introdução de um *novo método de produção*, ou seja, um método que ainda não tenha sido testado pela experiência no ramo próprio da indústria de transformação, que de modo algum precisa ser baseada numa descoberta cientificamente nova, e pode consistir também em *nova maneira de manejar comercialmente* uma mercadoria. 3) Abertura de um *novo mercado*, ou seja, de um mercado em que o ramo particular da indústria de transformação do país em questão não tenha ainda entrado, quer esse mercado tenha existido antes, quer não. 4) Conquista de uma *nova fonte de oferta de matérias-primas* ou de bens *semimanufaturados*, mais uma vez independentemente do fato de que essa fonte já existia ou teve que ser criada. 5) Estabelecimento de uma *nova organização* de qualquer *indústria*, como a criação de uma posição de monopólio (por exemplo, pela trustificação) ou a fragmentação de uma posição de monopólio (SCHUMPETER, 1997, p. 76).

De acordo com Haddad (2010, p. 29) “as mudanças sempre ocorrem através de combinações das produções já existentes [...]”. Portanto, para Schumpeter, o desempenho econômico pode ser entendido pela inserção de inovações pelos empresários, isto é, eles irão inserir novas combinações de fatores incorporados no mercado (HADDAD, 2010, p. 31).

O estudo da inovação advém de uma abordagem que há muito vem sendo dialogada na área do conhecimento. Perpassa por diversas fases desde seus apontamentos iniciais instigados pela teoria Schumpeteriana até os conceitos atualmente inspirados por autores que buscam a compreensão de tal fenômeno (SANTANA, 2017, p. 14).

Partindo do princípio de evolução do conceito de inovação e convicção do conhecimento como objeto propulsor do desenvolvimento, a economia criativa torna-se um mecanismo adequado e necessário para atingir novos mercados e rendimentos econômicos (SANTANA, 2017, p. 17).

De acordo com a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento – UNCTAD “Economia Criativa” é definida como um conceito em evolução baseado em ativos criativos que potencialmente geram crescimento e desenvolvimento econômico. São atividades que através de ideias inovadoras podem gerar renda e movimentar a economia através de atividades com potencial econômico (SANTANA, 2017, p. 17).

Segundo Eckert *et al.* (2006) ao empregar atividades inovadoras a economia se beneficia, e afeta direta e indiretamente vários campos econômicos de um local. Esse tipo de negócio enaltece a cultura e seus aspectos não palpáveis (saberes e fazeres) e a criatividade que origina todo o processo de produção (SANTANA, 2017, p. 18). “A perspectiva da economia criativa enfatiza o impacto econômico direto da produção cultural e criativa para os mercados e para a vida social, e não simplesmente seus efeitos indiretos sobre, por exemplo, o turismo” (RELATÓRIO DE ECONOMIA CRIATIVA, 2010, p. 36). Conforme a Unesco (2008, 2010) apud Costa e Santos (2011) a economia criativa é uma forma de estimular o crescimento econômico e compor uma mudança no desenvolvimento, particularmente por ter a criatividade como matéria-prima base e

poder lidar com aspectos culturais e sociais de todos os lugares do mundo (SANTANA, 2017, p. 18).

“Uma sociedade que reprime ou utiliza mal seus recursos criativos e adere ao contrato de propriedade incorreto não pode prosperar. Mas se entendermos e administrarmos essa nova economia criativa, as pessoas se beneficiarão e a sociedade será recompensada” (HOWKINS, 2001, p. 237 apud SANTANA, 2017, p. 19).

Lima (2011, p. 56) “ressalta a importância de Joseph Schumpeter para os estudos de Inovação Social, apesar dele ter dado ênfase à inovação tecnológica a partir de uma perspectiva econômica”. Contribuindo com essa perspectiva Gomes (2017, p. 33) relata que apesar da importância do segmento de turismo para comunidades, municípios e regiões é perceptível que este setor da economia pode contribuir ainda mais de maneira sustentável caso haja o planejamento devido, e portanto, venha possivelmente possibilitar o desenvolvimento – são “[...] aquelas transformações da vida econômica que não lhe sejam impostas de fora para dentro e sim que surjam, por iniciativa própria, no âmbito interno” (GOMES, 2017, p.33).

2.2 Turismo de Base Comunitária na Amazônia

O turismo tem ganhado grande importância no mundo contemporâneo como uma das atividades econômicas mais promissoras, com um alto grau de desenvolvimento. De acordo com os dados da Organização Mundial do Turismo – OMT, no ano de 2012 a chegada de turistas internacionais ultrapassou um bilhão, atingindo um crescimento de 4%. No ano de 2013, esse crescimento alcançou os 5%, o qual correspondeu a 52 milhões de chegadas de turistas a mais em relação ao ano anterior (BARRETO; TAVARES, 2017, p. 581).

O turismo é visto como um instrumento possível de promoção do desenvolvimento econômico, dessa maneira, apresenta-se como uma das atividades econômicas mais promissoras, contribuindo para a economia mundial, com a geração de emprego e renda, alcançando patamares na balança comercial mundial. Com isso, comprova-se velha concepção de turismo, enquanto panaceia soluções das economias estagnadas de alguns países, levando a uma corrida de instituições públicas e privadas a valorizar esta atividade em suas economias (BARRETO, 2015, p. 94).

Nas últimas décadas o setor turístico experimentou uma vertiginosa expansão global, chegando a ser considerado a maior “indústria” da economia mundial. A ampliação geográfica do setor respondeu a processos distintos como: réplica às novas demandas de mercado; como estratégia de desenvolvimento local; e, sobretudo, para liberar e integrar mercados regionais (ARAÚJO; GELBCKE, 2008, p 364).

Assim, o turismo configura-se como uma atividade ramificada, tanto ao transformar lugares em territórios turísticos como forma de desenvolvê-los economicamente e socialmente, quanto ao provocar profundas transformações no modo de vida e na própria identidade das populações desses territórios. Com isso, tendo essa prerrogativa na inclusão da população local no processo de desenvolvimento do turismo, surgem modalidades de turismo, dentre as quais o turismo de base comunitária, que vem gradativamente tendo espaço em cenário nacional e também mundial. Essa nova concepção do turismo como uma alternativa economicamente viável ao desenvolvimento local vislumbra uma melhor qualidade de vida da população (BARRETO, 2015, p. 95).

No entendimento de Gomes (2017, p. 27), a atividade turística contribui para o desaparecimento das desigualdades sociais, em virtude do crescimento econômico, conseqüentemente, observa-se que os resultados obtidos com o turismo comunitário seguem desde a diminuição dos impactos ecológicos negativos a benefícios ecológicos. Assim, o turismo comunitário torna-se uma alternativa econômica capaz de suprir necessidades de uma sociedade menos favorecida, a partir do uso dos recursos naturais e da mão de obra disponíveis possibilitando o alcance de uma estabilidade social e econômica.

Esse crescente setor da economia se aliado a um adequado planejamento gerará benefícios de forma sustentável e que a população passe a valorizar cada vez mais os patrimônios naturais e culturais. Dessa forma, tem-se grandes chances de haver o desenvolvimento que tanto se discute na teoria Schumpeteriana, onde novas combinações surgem, na maioria das vezes, de dificuldades endógenas e não de forma exógena.

O turismo comunitário é segundo Coriolano (2003, p. 14):

[...] aquele desenvolvido pelos próprios moradores de um lugar que passam a ser articuladores e os construtores de cadeia produtiva, onde a renda e o lucro ficam na comunidade e contribuem para melhorar a qualidade de vida; leva todos a se sentirem capazes de contribuir, e organizar as estratégias do desenvolvimento do turismo.

Segundo Zechner (2008), o território é a base para os modos de vida das comunidades e as relações sociais existentes entre os atores. A identidade construída em coletividade no território fornece os meios de subsistência e de produção criando uma dinâmica social que o diferencia das demais regiões.

O desenvolvimento do turismo com base comunitária destaca-se:

“[...] pela mobilização da comunidade na luta por seus direitos contra grandes empreendedores da indústria do turismo de massa que pretendem ocupar seu território ameaçando a qualidade de vida e as tradições da população local. Este modelo de turismo através do desenvolvimento comunitário é capaz de melhorar a renda e o bem-estar dos moradores, preservando os valores culturais e as belezas naturais da (sic!) de cada região” (CARVALHO, 2007, p. 5)

Araújo e Gelbcke (2008) revelam o território para o Turismo Comunitário como uma valorização de aspectos socioculturais das quais se apropriam as comunidades autóctones. O enfoque de Desenvolvimento Territorial Sustentável (DTS) é tributário destes significados e considera os seguintes aspectos:

a) as iniciativas de atores locais para valorização dos recursos territoriais associados ao patrimônio natural e cultural, considerando a lógica das necessidades básicas, a prudência ecológica e a governança local; b) constitui-se o componente estratégico que recupere as áreas econômicas, sociais, políticas e ambientais, muitas vezes, degradadas; c) influencia relações de complementaridade em um mesmo território, com a participação das diferentes atividades sócio produtivas, geradas pelas organizações da sociedade civil, do Estado e da iniciativa privada; d) entendimento das relações complexas entre as diversas dimensões do processo de desenvolvimento (social, econômica, política, cultural, ambiental); e) alcance da autonomia da população local em relação aos sistemas estadual, nacional e internacional; f) não é apenas uma justaposição de iniciativas locais, exige-se criação e consolidação progressiva para um sistema de planejamento e gestão descentralizado, que assegure as integrações necessárias à articulação do desenvolvimento local com políticas, estratégias e ações geradas em outros níveis de organização econômica, social e política (ARAÚJO e GELBCKE, 2008, p.365).

Segundo Endlich (2007, p. 11) “o desenvolvimento local é uma resposta à reestruturação produtiva que situa o desenvolvimento desigual num contexto de regiões ganhadoras e regiões perdedoras”. Portanto, o turismo comunitário é a solução para o desenvolvimento local de comunidades que apresentam certo nível de desigualdade comparada a outras regiões.

O turismo comunitário valoriza os recursos específicos de um território procurando estabelecer uma boa comunicação entre os comunitários e visitantes e/ou turistas. Para Araújo e Gelbcke (2008, p. 367):

O Turismo Comunitário não é apenas uma atividade produtiva, mas procura ressaltar o papel fundamental da ética e da cooperação nas relações sociais. Valoriza os recursos específicos de um território e procura estabelecer relações de comunicação/ informação com agentes externos, entre eles e os visitantes.

De acordo com Barreto (2015, p. 103) o turismo de base comunitária, como uma atividade que vise desenvolvimento local ganha visibilidade com o engajamento do Estado, em 2008 através de Edital nº001/2008 do Ministério do Turismo, havendo a seleção de 50 projetos focados no

turismo de base comunitária para financiamento. Diante disso, a fim de promover a geração de renda em comunidades ribeirinhas da região, tem-se a proposta do Projeto Saúde e Alegria para o Ecoturismo de Base Comunitária; modelo este que através do turismo ofereça ao ser humano a garantia de uma vida digna, centrado em uma cultura de cooperação, parceria e solidariedade.

3 Metodologia

3.1 Caracterização do espaço da pesquisa



Figura 1: Mapa de localização das Comunidades de Atodí e Anã.

Fonte: Henrique Martins/PSA (2019).

A comunidade de Atodí está localizada no Assentamento Extrativista Lago Grande, na margem esquerda do rio Arapiuns, no município de Santarém/PA, próximo da divisa entre os estados do Pará e Amazonas. Foi Fundada em 1944, é uma comunidade composta de aproximadamente 261 habitantes, que mantém seus costumes tradicionais na caça, pesca, agricultura familiar – produção de mandioca, lavouras sazonais, criação de pequenos animais, extrativismo vegetal e mineral, na celebração de festas religiosas (TOURPARA, 2019). Os

visitantes tem a oportunidade de conhecer o processo de fabricação da farinha de mandioca, base da alimentação das populações tradicionais da Amazônia, de percorrer a trilha dos castanheiros e em seguida tomar banho em refrescantes igarapés (PROJETO SAÚDE E ALEGRIA, 2019).

A outra comunidade pesquisada é Anã localizada na subida à margem esquerda do rio Arapiuns, na Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, a cerca de quatro horas de navegação de Santarém. Possui uma extensão de cerca 1.200 hectares, apresenta um solo bastante arenoso, de origem fluvial e uma vegetação composta de capoeiras e matas secundárias, resultado da exploração madeireira e da agricultura de corte e queima. Essa comunidade assim como as demais, estão concentradas em áreas onde existe terras indígenas e, se formaram a partir das antigas vilas que resultavam de velhas missões e de lugares de antigas aldeias indígenas (PROJETO SAÚDE E ALEGRIA, 2019).

3.2 Características da pesquisa e instrumentos de coleta de dados

Os procedimentos metodológicos deste trabalho fundamentaram-se em um estudo bibliográfico e de campo. Em termos de pesquisa de campo, foi realizada apenas uma entrevista que apresenta a visão de dois membros da Cooperativa TURIARTE; associação essa que faz parte do Projeto Saúde e Alegria. A entrevista foi realizada na instituição do Projeto Saúde e Alegria, no dia 11 de junho de 2019.

O caminho metodológico busca especificar o percurso que o estudo realizou para alcançar o objetivo proposto, assim, a pesquisa tem particularidades de cunho quali-quantitativo. Sendo que a pesquisa qualitativa ajudou na análise das informações coletadas na entrevista realizada com os participantes do estudo, permitindo uma explicação detalhada dos fenômenos sociais e “[...] na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico” (TEIXEIRA, 2005, p. 124).

Enquanto que a pesquisa quantitativa utilizou-se para identificar os dados números do estudo e “quantificar dados obtidos por meio de informações coletadas através de questionários, entrevistas, observações e utilização de técnicas estatísticas” (OLIVEIRA, 2008, p.62). Na concepção de autora (2008, p.30) o uso em conjunto das abordagens quantitativas e qualitativa proporciona uma “maior credibilidade e validade aos resultados da pesquisa”, garantindo a confiabilidade dos dados.

Seguindo as concepção de Gil (2008, p. 44 -45), realizou-se ainda a pesquisa bibliográfica, por todo o período do estudo, onde procurou-se levantar em “[...] livros, artigos científicos [...]”, dissertações e demais informações já publicadas sobre o tema em estudo. Que segundo o autor “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente [...]”

O levantamento e a organização dos dados ocorreram em três fases, que algumas vezes ocorreram concomitantemente e em outros momentos separadamente, conforme descrição: a) Levantamento das informações secundárias e agrupamento dos dados registradas em pesquisas, dissertações, artigos científicos e demais publicações para auxiliar na fundamentação teórica sobre o tema; b) Coleta de dados primários, foi realizado por meio de entrevista com as participantes da pesquisa e c) Refinamento e sistematização dos dados coletados no campo.

Para fins de garantir os preceitos éticos e a descrição os nomes dos participantes do estudo serão mantidos no anonimato. Ressalta-se que no início da aplicação da entrevista foi realizado os devidos esclarecimento sobre o fim da coleta de dados e comprometeu-se que o material coletado será escutado apenas pelos autores, assegurando a confidencialidade dos participantes do estudo (RICHARDSON,1999).

4 RESULTADO E DISCUSSÕES

4.1 A Experiência do Projeto Saúde e Alegria

O Projeto Saúde e Alegria (PSA) iniciou suas atividades no ano de 1987, tem a sua atuação na Amazônia com objetivo de fornecer apoio e participar do processo de desenvolvimento das comunidades, contribuindo para implementações de políticas públicas que fomentem o desenvolvimento para as comunidades (ONG PROJETO SAÚDE E ALEGRIA, 2019).

Segundo Barreto e Tavares (2017), o PSA tem o objetivo de fomentar e consolidar o turismo como uma alternativa de renda nas comunidades ribeirinhas do município de Santarém, e a partir da elaboração do projeto intitulado “Ecoturismo de Base Comunitária no Pólo Tapajós”, no ano de 2008, que o chamado turismo de base comunitária ganhou visibilidade nas políticas do Estado.

Como missão, a ONG destaca, “ser referência em metodologias participativas e tecnologias sociais para o desenvolvimento alegre, harmônico e sustentável dos povos”, buscando assim desenvolver valores como respeito à diversidade, solidariedade, ética, equidade, justiça, transparência, responsabilidade social e ambiental respeito à vida (BARRETO, 2015, p.74).

O PSA trabalha com um público estimado em torno de 30 mil pessoas, a maioria são da população tradicional que muitas das vezes se encontram em situações de riscos e vulnerabilidade. As ações do projeto são elaboradas com base na realidade das comunidades, considerando a existência de particularidades das mesmas, para que ocorra o processo de autogestão de suas representações, podendo encontrar dentro dos cenários socioambientais, diversas alternativas viáveis para enfrentar os desafios impostos pelos tais cenários (ONG PROJETO SAÚDE E ALEGRIA, 2019).

As comunidades que são contempladas com as ações da ONG são geralmente localizadas em áreas rurais dos municípios e a distância entre a sede municipal e tais comunidades é, sem dúvida, um dos principais desafios que as mesmas enfrentam, uma vez que há uma rarefação de infraestruturas, que limitam o acesso de tais comunidades à cidade bem como se torna uma justificativa para a precariedade dos serviços prestados pelo poder público municipal e estadual no local, já que em sua maioria são interligadas as sedes municipais por meio de rios e estradas não pavimentadas. É nesse contexto que a ONG PSA passou a desenvolver suas atividades nessa fração do território, agindo como uma intermediária entre entidades públicas e privadas e tais populações (BARRETO, 2015, p. 74).

Para Barreto (2015), as ações que a ONG Projeto Saúde e Alegria é um grande desafio, tanto para instituição quanto para as comunidades envolvidas, pois além da deficiência nos serviços básicos como saúde e educação, existem os conflitos em seus territórios, que foram acarretados por conta da diversificação de outras territorialidades de interesses divergentes aos das comunidades, e que predominam na maior parte do território paraense. “São conflitos correspondentes à exploração madeireira ilegal, à exploração mineral, ao avanço do agronegócio, dentre outros que culminam em impactos territoriais e sociais negativos em tais comunidades dos municípios envolvidos” (p. 76).

Dessa forma, esse novo olhar para o turismo como uma alternativa economicamente viável ao desenvolvimento local, ou seja, uma visão inovadora que tem como objetivo buscar melhorias de

qualidade de vida para a população, trazer desenvolvimento para algumas comunidades ribeirinhas do município, está dialogando com a visão de Schumpeter, quando diz que:

[...] A medida em que as “novas combinações” podem, com o tempo, originar-se das antigas por ajuste contínuo mediante pequenas etapas [...] O desenvolvimento, no sentido que lhe damos, é definido então pela realização de novas combinações (SCHUMPETER, 1997, p. 70).

Logo, o fato do turismo comunitário em algumas comunidades ribeirinhas do Município de Santarém/PA, surgir a partir de idealizações e planejamentos da ONG juntamente com os comunitários, como uma alternativa de geração de renda, de desenvolvimento e apresentação de um cenário natural até então desconhecido pelo mundo, pode ser considerada como uma nova combinação mencionada na Teoria Schumpeteriana, pois mesmo com os desafios mencionados por Barreto foi possível obter uma conquista, ou seja, foram passadas as etapas dos ajustes como diz a teoria, até que chegasse a nova combinação, ao novo processo de desenvolvimento.

4.2 O Turismo Comunitário nas comunidades de Anã e Atodí.

O Turismo Comunitário já era presente na região, mas foi com o apoio e parceria com o Projeto Saúde e Alegria que ocorreu a facilidade dos turistas irem até as comunidades de Anã e Atodí, especificamente, foi com a fundação da Cooperativa TURIARTE que possibilitou a entrada e saída de pessoas como forma de geração de renda, pois segundo a entrevistada (01), a cooperativa teve como papel fundamental na sua origem, a emissão de notas fiscais que até então não era possível serem emitidas pela ONG, por se tratar de um Projeto sem fins lucrativos.

Então, essa parceria entre o Projeto Saúde e Alegria a TURIARTE (Cooperativa de Turismo e Artesanato da Floresta), vem proporcionando a várias comunidades da região visitas turísticas, com intuito de construir uma oportunidade sustentável de geração de renda. Segundo informações coletadas com a representantes da TURIARTE, entre agosto de 2011 e dezembro de 2013 foram construídas e colocadas para funcionar 02 pousadas comunitárias. Em 2014 o circuito recebeu mais de 300 visitantes, movimentando mais de R\$ 300.000,00.

A ONG PSA oferece viagens pelas comunidades ribeirinhas envolvidas com o projeto. Tais viagens podem ser em grupo ou individuais e ainda há a possibilidade de fazer um roteiro personalizado. Com este projeto foi possível a construção de duas pousadas comunitárias, uma localizada na comunidade ribeirinha de Anã, conhecida como hospedaria comunitária,

e outra localizada na comunidade de Atodí, que recebeu o nome de Pousada Encanto do Arapiuns, vale ressaltar, que o projeto se estende para além de tais comunidades (BARRETO, 2015, p.85).

Segundo a entrevistada (01), atualmente as atividades estão em apenas três comunidades (Anã, Atodí e Urucureá), dentre as ações de turismo comunitário desenvolvidas na comunidade de Atodí, está presente a apresentação da Farinhada, percurso por duas trilhas, sendo uma longa e outra curta e também a visita as praias, além disso, está no projeto da equipe a elaboração de um roteiro para a realização de passeios em um lago.

Segundo a entrevistada (02), tempos atrás a comunidade de Anã acabava sendo apresentada para os turistas como parte da ilha de Alter do Chão, isso fazia com que a comunidade não tivesse autonomia, mas a cooperativa conseguiu reverter essa situação e, atualmente vários projetos como o MUSA (Mulheres Sonhadoras em Ação), que está voltado para a criação de peixes em tanques com alimentação produzida pelas próprias Musas, além disso, tem o projeto de abelhas Melíponas, uma pousada bem estruturada, possuindo uma espécie de redário, com 22 lugares para redes e diversos outros cômodos, são projetos desenvolvidos nas comunidades sendo a maioria sob a coordenação da cooperativa.

A comunidade ribeirinha de Anã vem se destacando entre as comunidades da reserva extrativista Tapajós-Arapiuns, seja pela sua organização enquanto associação, bem como pelos projetos que estão sendo desenvolvidos pelos comunitários em parcerias com outras instituições. Como organização comunitária, Anã organizou-se através da criação da APRONÃ (Associação dos Produtores Rurais de Anã), uma associação criada na década de 90 para representar e fortalecer os interesses da comunidade. A APRONÃ, ainda está ligada diretamente a Tapajoara (Organização das Associações da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns), esta que os representa social e politicamente enquanto pertencentes a Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns. Além de tal associação, Anã apresenta ainda mais duas organizações, que são: APAA (Associação de Piscicultores e extrativistas da comunidade de Anã) e MUSA (Mulheres Sonhadoras em Ação). Há ainda grupos, que organizados desenvolvem alguns projetos que tem contribuído na renda de algumas famílias da comunidade, o Grupo Melipomel (Projeto de manejo das abelhas sem ferrão), Grupo do viveiro (projeto de cultivo de mudas florestais nativas), e o grupo do turismo, detalharemos sobre estes mais adiante (BARRETO, 2015, p.33).

A entrevistada (02) considera que o turismo comunitário é uma atividade boa para se trabalhar nessas comunidades, pois é um trabalho que se auto custeia, afirmando que o turismo vem ser um complemento para a renda familiar. Enfatiza que, a forma que se é trabalhado nas comunidades é em rodízio e, isso proporciona um benefício para ambos envolvidos.

Sendo assim, é possível identificar que as políticas implementadas nas duas comunidades pela ONG Projeto Saúde e Alegria em parceria com a Cooperativa de Turismo e Artesanato da Floresta, contribuíram positivamente para o desenvolvimento das mesmas, gerando mais renda, mais conhecimentos tácitos e um aprimoramento nas infraestruturas das comunidades.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Geralmente, a Amazônia é conhecida apenas por relatos e imagens da riqueza que possui (recursos naturais), ou seja, a visão que a sociedade externa tem da região é muito voltada para a potencialidade da sua biodiversidade, contudo, é necessário conhecer o lado das comunidades da região, pois as mesmas sofrem com a escassez de políticas voltadas para um progresso social e econômico local.

Diante disso, é possível observar que as ideias e ações que a ONG vem promovendo na região com intuito de desconstruir essa visão externa da região amazônica, como os implementados nas comunidades de Anã e Atodí, acaba mostrando a realidade, através do turismo comunitário, no qual o turista vai até a comunidade e além de conhecer as belezas naturais pode ver de perto as atividades que as mesmas realizam e, ainda contribuem para a geração de renda e, como visto no decorrer deste artigo, a renda gerada a partir dessa ação não é pouca, na verdade, é o turismo comunitário responsável pela maior movimentação de recursos financeiros nessas duas comunidades, especificamente.

Com base nos dados coletados, podemos assegurar que teoria e prática são processos que se complementam, pois a Teoria Schumpeteriana que descreve o processo de desenvolvimento econômico através da inserção de inovações que beneficiem a sociedade, dialoga com as ações promovidas pela ONG Projeto Saúde e Alegria, que visam um desenvolvimento sustentável para as comunidades através do turismo comunitário, sendo essa uma nova combinação de modelos de

desenvolvimento pautados não só na geração de emprego e renda, mas também na preservação da cultura e ambiente que as comunidades estão inseridas.

Referências

ARAÚJO, Guilherme P. de; GELBCKE, Daniele Lima. **TURISMO COMUNITÁRIO: Uma perspectiva ética e educativa de desenvolvimento**. Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica, v. 10, nº 03. p. 357 – 378, set/dez. 2008.

ARAUJO, Joelma Maria Batista de. **INOVAÇÃO E CICLOS ECONÔMICOS EM SCHUMPETER E MINSKY**. 2012. 149f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Economia, Universidade Federal do Alagoas, Maceió, 2012.

BARRETO, Elcivânia de Oliveira. **TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA E USO DO TERRITÓRIO EM COMUNIDADE RIBEIRINHA DA AMAZÔNIA PARAENSE: O caso de Anã no Município de Santarém/Pará**. 180 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

BARRETO, Elcivânia de Oliveira; TAVARES, Maria Goretti da Costa. **O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA EM UMA COMUNIDADE RIBEIRINHA DA AMAZÔNIA: O Caso de Anã na Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, Santarém (PA)**. Revista Brasileira de Ecoturismo: São Paulo. v.10. n.3. ago/out 2017. p. 579-611.

CARVALHO, Vininha. F. (2007). **O TURISMO COMUNITÁRIO COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**. Disponível em: <

http://www.revistaecotur.com.br/pagina/MTc1OQ==/O_turismo_comunitario_como_instrumento_de_desenvolvimento_sustentavel >. Acesso em: 10 junho de 2019.

CORIOLOANO, L. N. M.; LIMA, L. C. **TURISMO COMUNITÁRIO E RESPONSABILIDADES SOCIOAMBIENTAL**. Ceará: EDUECE, 2003.

ENDLICH, A. M. **NOVOS REFERENCIAIS DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO TERRITORIAL: possibilidades para as pequenas cidades?** In: Revista REDES, Santa Cruz do Sul, v. 12, n. 2, p. 5-35, mai./ago. 2007. Disponível em: <



<http://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/viewFile/257/201>>. Acesso em 10 de junho de 2019.

GIL, Antônio Carlos. **COMO ELABORAR PROJETOS DE PESQUISA**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p.176

GOMES, Celso Cardoso. **TURISMO COMUNITÁRIO: Um caminhar para o desenvolvimento local**. Geoiingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia. Maringá. v. 9. n. 1. p. 25-48, 2017.

HADDAD, Evelyn Witt. **INOVAÇÃO TECNOLÓGICA EM SCHUMPETER E NA ÓTICA NEO-SCHUMPETERIANA**, 2010. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, Porto Alegre, 2010.

LIMA, Robson Pereira de. **TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA COMO INOVAÇÃO SOCIAL**, 2011, 191 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, COPPE, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011, p. 56.

LOPES, Daniel Paulino Teixeira; BARBOSA, Allan Claudius Queiroz. **INOVAÇÃO: conceitos, metodologias e aplicabilidade articulando um construto à formulação de políticas públicas – uma reflexão sobre a lei de inovação de minas gerais**. In: Anais do XIII Seminário sobre a Economia Mineira, Diamantina, 2008, p.3.

OLIVEIRA, M. M. de. **COMO FAZER PESQUISA QUALITATIVA**. 2ª edição. Petrópolis, Rj: Vozes, 2008. p. 184 .

PROJETO SAÚDE & ALEGRIA. **O PROJETO**. Disponível em:<http://www.saudeealegria.org.br/?page_id=48 >. Acesso em 11 de junho de 2019.

PROJETO SAÚDE E ALEGRIA. **VIAGEM AO RIO ARAPIUNS - 05 DIAS SANTARÉM, PARÁ, AMAZÔNIA 2010**. Disponível em: <https://www.saudeealegria.org.br/turismo/userfiles/pdfs/apresentacao_roteiros_2010_05_dias.pdf>. Acesso em 20 de Junho de 2019.

RELATÓRIO DE ECONOMIA CRIATIVA. **ECONOMIA CRIATIVA: Uma opção de desenvolvimento viável**. São Paulo: Itaú Cultural. 2012. p. 424. ISBN: 9780981661902.



RICHARDSON, Roberto Jarry. **PESQUISA SOCIAL: MÉTODOS E TÉCNICAS**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999. p.327. ISBN: 8522421110.

SANTANA, Neylaine da Silva. **EVOLUÇÃO DO TURISMO EM SANTARÉM E OS IMPACTOS DA ECONOMIA CRIATIVA: O CASO DOS ARTESÃOS DO CRISTO REI**. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Oeste do Pará –UFOPA, Santarém, 2017.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **TEORIA DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO**. São Paulo: editora nova cultural, 1997.

TEIXEIRA, Elizabeth. **AS TRÊS METODOLOGIAS: ACADÊMICA, DA CIÊNCIA E DA PESQUISA**. 2ª edição. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005. p.208.

TOURPARA. **COMUNIDADE TRADICIONAL DE ATODÍ**. Disponível em: <
<https://www.tourpara.tur.br/pt-bt/santarém-e-belterra/comunidade-tradicional-de-atodí>>. Acesso em 20 de Junho de 2019.

TURIARTE. **NOSSA COOPERATIVA**. Disponível em: <
<https://turiarteamazonia.wordpress.com/nossa-cooperativa/>>. Acesso em 14 de junho de 2019.

ZECHNER, Talita C; Henríquez, C; Sampaio, Carlos C. **PENSANDO O CONCEITO DE TURISMO COMUNITÁRIO A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS BRASILEIRAS, CHILENAS E COSTARRIQUENHAS**. In: II Seminário Internacional de Turismo Sustentável 2008. Anais. Fortaleza – CE, 2008.